

Edital Videocamp de Filmes - 2018

Perguntas e Respostas com os Cinco Finalistas: Bianca Lenti (diretora) e Juliana Oliveira (roteirista) do “Me Inclui Fora Dessa”

O tema do Edital Videocamp de Filmes – Edição 2018 é educação inclusiva, ensinar juntas crianças com e sem deficiência. Centenas de realizadores inscreveram seus projetos no Edital para tentar receber até US\$ 400.000 para produzir seu filme de impacto. Um júri de membros altamente respeitados da indústria cinematográfica e especialistas no tema escolheu Cinco Finalistas. O projeto selecionado será anunciado no dia 21 de setembro.

Um dos Cinco Finalistas é o filme “Me Inclui Fora Dessa”, dirigido por Bianca Lenti e escrito por Juliana Oliveira. Conversamos com elas para discutir filmes de impacto social e a situação da educação inclusiva no Brasil.



Como você se sente estando nos cinco finalistas?

Bianca Lenti: Animada e feliz! Nós fomos pré-selecionados para o Edital Videocamp de Filmes no ano passado, quando ele foi lançado apenas no Brasil, então sabíamos que precisávamos nos inscrever novamente. Desta vez é um desafio ainda maior porque é internacional e estamos orgulhosas de representar o Brasil novamente

O que fez você querer fazer um filme sobre educação inclusiva?

Juliana Oliveira: Somos mães e estamos interessadas em tudo sobre infância e educação. Aqui no Brasil é difícil falar sobre educação inclusiva. Nós temos tantos desafios em nosso sistema educacional, e é ainda mais difícil para crianças com deficiências. Quando encontramos os três personagens principais do nosso filme, os agentes de inclusão, foi uma oportunidade para contar uma história realmente transformadora.



Conte-nos sobre os principais personagens do filme

BL: Então Rafael, Larissa e Priscila são agentes de inclusão. Eles visitam escolas públicas ao redor do Rio de Janeiro, conversando com alunos de todas as idades e nós os acompanharemos por seis meses. Larissa, de 19 anos, tem síndrome de Down e quer se tornar escritora. Priscila tem 26 anos. Ela sonha em se tornar uma música e dançarina de samba, e ela tem autismo. E Rafael, também de 26 anos, ama o teatro e quer se tornar um dramaturgo. Eles entram em escolas e fazem oficinas de teatro, narram histórias e discutem deficiência e diversidade.

O que você quer que o público leve do filme?

JO: Não queremos fazer um filme com uma atmosfera sombria. Há muitos desafios, mas nosso filme é sobre esperança e luz, como as personalidades de nossos personagens. Estamos realmente aproveitando nosso tempo com eles, então queremos que o público sinta isso também. A educação e a compreensão são a única maneira de superar o preconceito, então queremos que este filme inspire e capacite as pessoas. Temos trabalhado com Larissa, Raphael e Priscila por dois meses e aprendemos muito com eles. Agora queremos compartilhar isso com o mundo.

Conte-nos sobre seu trabalho anterior

BL: Na nossa produtora, Giros, trabalhamos em tudo, desde documentários de longa metragem até programas de televisão e séries de animação. Fazemos muitos programas educacionais para um canal aqui no Brasil chamado Futura, e somos parceiros do TV Escola, que é um canal de TV de educação. Então, muito do que fazemos diz respeito a infância, a educação e a sociedade, e acreditamos verdadeiramente no poder do cinema como uma ferramenta para aumentar a conscientização e criar mudanças sociais. Há dois anos, fizemos o premiado documentário “Menino 23” sobre preconceito racial e escravidão no Brasil. Ele foi visto em todo o mundo (e está disponível para assistir no Videocamp). É usado pela Ordem dos Advogados do Brasil como uma ferramenta para aumentar a conscientização e tem sido usado na Comissão Nacional da Verdade.

Qual é a representação de pessoas com deficiência como no Brasil?

JO: Temos problemas com a representação da deficiência na tela. Acho que tivemos um bom momento em 2016, com os Jogos Olímpicos e Para-olímpicos do Rio. Foi como a primeira vez que as narrativas da mídia se concentraram nas realizações das pessoas com deficiência e as viram como atletas poderosos e independentes. Esse foi um marco – quando a mídia retratou os atletas com e sem deficiência da mesma maneira.

E quanto à educação?

BL: Nós temos uma grande crise econômica e política, por isso, apesar de sermos um país rico, o dinheiro que é destinado à educação e à saúde geralmente desaparece por meio da corrupção. As pessoas estão lutando contra o preconceito e pela inclusão – os pais de crianças com deficiência e os pais das crianças sem deficiência – mas ainda há um longo caminho pela frente.

Como você fará o projeto inclusivo?

JO: Não faz sentido fazer um filme sobre inclusão se não temos as vozes de pessoas com deficiência por trás das câmeras também, então as pessoas com deficiências serão incluídas na equipe de filmagem. O filme é sobre suas vozes e experiências, e isso é essencial. Durante nossos projetos, muitas vezes temos salas de escritores dedicados, por exemplo, todas as mulheres, todas as raças, todas as pessoas que são LGBT +. Se você está contando uma história refletindo certas experiências, você precisa de pessoas que conheçam essas experiências em primeira mão nos bastidores e na câmera, para torná-las autênticas, honestas e reais. Representação realmente importa.

Sobre Bianca Lenti

Ex-jornalista, Bianca Lenti é agora sócia e diretora criativa da produtora brasileira Giros. Já trabalhou em séries produzidas para o Canal Futura, o GNT, a TV Brasil, o Globo News, o History Channel e o Canal Brasil, entre outros. Escreveu quatro documentários, incluindo o premiado Menino 23. Ela também lidera a Produção Criativa e Produção Executiva da série de ficção A Revolta dos Malês (SescTV, prevista para ser lançada em 2019) e Baile de Máscaras (TV Brasil, que deverá ser lançada em 2018), e a Direção Geral da série de ficção infantil Queimamufa! (Canal Futura, previsto para ser lançado em 2019).

Sobre Juliana Oliveira

Juliana de Oliveira é jornalista, pesquisadora e roteirista da produtora Giros. Trabalhou em projetos para canais como Arte 1, Mais Globosat, Curta!, Canal Futura, Canal Brasil e Rede Globo. Também trabalhou nos longas-metragens Menino 23, Cena Nua e Família Diniz, e desenvolveu projetos fictícios, incluindo Queimamufa!, Jungle Pilots e Revolta dos Malês.